

# DATALUTA



## BOLETIM DATALUTA

Uma publicação do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – NERA.  
Presidente Prudente, março de 2016, número 99. ISSN 2177-4463.

[www.fct.unesp.br/nera](http://www.fct.unesp.br/nera)

### ARTIGO DATALUTA

**Raízes da violência no campo brasileiro.**

### ARTIGO DO MÊS

**Das agroestratégias aos eixos territoriais do agronegócio no estado do Pará**

[www.fct.unesp.br/nera/artigodomes.php](http://www.fct.unesp.br/nera/artigodomes.php)

### EVENTOS

**XVIII Encontro Nacional de Geógrafos – ENG 2016**

**“A construção do Brasil: geografia, ação política e democracia”**

UFMA-UEMA/São Luis – Maranhão, 24 a 30 de julho de 2016.

**Conferencia Internacional: “tierra y territorio en las Américas: acaparamientos, resistencias y alternativas.**

Bogotá – Colômbia, 26 al 29 de agosto de 2016.

### PUBLICAÇÕES, VÍDEOS E POD TERRITORIAL



**Relatório DATALUTA Brasil 2014.**

*Autor: Rede DATALUTA.*

Com esses dados disponibilizados e sistematizados esperamos que o Relatório Dataluta 2014 contribua para entendimento sobre as raízes da violência no campo, que tenta negar historicamente os sujeitos que compõem a classe camponesa no Brasil e que lutam arduamente para conquistar e/o manter-se no território.

Para baixar: <http://www2.fct.unesp.br/nera/projetos/dataluta-brasil-2014.pdf>.



(UFBA).

Documentário desnuda a situação fundiária do quilombo. Busca analisar o processo de (re)produção do espaço no campo baiano a partir da correlação de forças que se define pela ação política dos sujeitos sociais organizados.

Para ver: [https://www.youtube.com/watch?v=LCi8fge\\_LB](https://www.youtube.com/watch?v=LCi8fge_LB).

**Quilombo Porto Dom João - São Francisco do Conde / Bahia - Brasil.**

*Produção: GeografAR*



**PodCast Unesp – Pod Territorial.**

*Autores: Vários*

O Podcast Unesp, em parceria com a Cátedra Unesco Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial, publica semanalmente noticiário sobre Reforma Agrária, povos de diferentes etnias, questões geográficas e outros assuntos que colaboram significativamente no desenvolvimento social.

Para ouvir/baixar: <http://podcast.unesp.br/>.

### EQUIPE:

*Editoração:* Danilo Valentin Pereira, Pedro Henrique C. de Moraes (bolsista PIBIT) e Lucas Pauli (bolsista FAPESP).

*Revisão:* Juliana G. B. Mota, Tiago E. A. Cubas (bolsista FAPESP), Leandro N. Ribeiro (bolsista CAPES), Ana L. Teixeira, Hellen C. C. Garrido (bolsista AUIP/PAEDEX), Helen C. G. M. da Silva (bolsista CNPQ), Lara C. Dalpério (bolsista FAPESP) e Rodrigo S. Camacho.

*Coordenação:* Janaína F. S. C. Vinha, Eduardo P. Girardi, Valmir J. de O. Valério e Danilo Valentin Pereira.

Leia outros números do BOLETIM DATALUTA em [www.fct.unesp.br/nera](http://www.fct.unesp.br/nera)

## RAÍZES DA VIOLÊNCIA NO CAMPO BRASILEIRO

**Carlos Alberto Feliciano**

Prof. Dr. Adjunto Universidade Federal de Pernambuco  
Coordenador da Rede Dataluta  
[cacafeliciano@hotmail.com](mailto:cacafeliciano@hotmail.com)

*“...sujeitos luminosos de uma imensa luta diária, muitas vezes anônima, que faz do campo brasileiro uma contenda entre a morte e a vida, entre a injustiça e a libertação.”*

**D. Pedro Casaldáliga, Caderno Conflitos no Campo - 2007**

O senhor Artêmio Gusmão, liderança da comunidade quilombola Maçaranduba, que já havia sido ameaçado por dois anos e com conhecimento da Secretaria de Segurança Pública do Pará (SEGUP), no início de 2016, foi assassinato e esquartejado perto de sua casa no município de Acará, noroeste do Estado. A liderança reivindicava a demarcação das terras quilombolas e por isso vinha sendo ameaçado por fazendeiros e madeireiros da região. Assim como senhor Artêmio (PA), Altamiro (RO), Paulo Justino (RO), Marcus (PA), Eusébio Ka’Apor (MA), Leidiane (PA) e mais outros indígenas, camponeses, lideranças ou não, identificados ou ainda sem identificação, retrataram a forma mais brutal da violência no campo brasileiro. No ano de 2015, de acordo com a Comissão Pastoral da Terra (CPT) ocorreram 50 assassinatos no campo. Esses dados materializam um processo o que o Banco de Dados Dataluta, através de seu relatório anual vem divulgando há 16 anos: a desigualdade socioterritorial e uma luta de classes onde a violência no campo é fruto de uma Questão Agrária não resolvida pela sociedade, onde a Reforma Agrária não é incorporada como uma opção de desenvolvimento para o país.

De acordo com dados da CPT, no período 2001 a 2014 (gráfico 01) houve um processo de intensificação da violência no campo brasileiro. Nesse período, mais de 930 mil famílias sofreram algum tipo de ameaça, despejo, tentativas de despejo ou expulsão provenientes de ocupações e posse por terra no Brasil.



Fonte: CPT, 2015.  
Org.: FELICIANO, C. A., 2015.

Essa violência vivida diariamente é uma resposta materializada na tentativa de despolitizar uma luta histórica da classe camponesa e dos demais “sujeitos luminosos” do campo que realizaram no período de 1988 a 2014, aproximadamente 9.280 ocupações de terras, agregando 1.275.847 famílias sem terra, que lutam diariamente com suas vidas pelo direito ao acesso a terra no Brasil e que no período de 1979 a 2014, 1,1 milhão de famílias conquistaram uma parcela em forma de assentamento rural (DATALUTA, 2014). Mas o que os dados da CPT e DATALUTA nos permitem avaliar é que a violência no campo não diminuiu com a queda no número de ocupações de terras, pelo contrario, ela aumentou. A violência na atualidade não atinge majoritariamente os sem-terra, mas os posseiros, as comunidades tradicionais, os agentes de mediação, os povos indígenas, que estão no enfrentamento cruel na busca por permanecer na terra/território. Esses diversos sujeitos estão na rota e nas parcelas de interesse do capital, dos latifundiários e do Estado, atuando ou não em aliança.

Outro elemento estrutural que está no âmago dessa contradição do desenvolvimento capitalista no campo, que gera violência é o caráter rentista e concentrador de terras no Brasil. Segundos dados que compõem o último Relatório Dataluta 2014, a estrutura fundiária brasileira tem apresentado constante crescimento da área e do número de imóveis rurais. Entre 1998 e 2014 a estrutura fundiária brasileira foi acrescida de 324,85 milhões de hectares e somente entre os anos 2012 e 2014 o aumento foi de 143,38 milhões de hectares. Porém, a violência se potencializa justamente ao visualizar que 112 milhões de hectares estão concentrados em 5,3 milhões de imóveis de até 100 hectares, enquanto apenas 336 imóveis concentram mais de 138,64 milhões de hectares. Essa é a causa central da violência e dos assassinatos no campo brasileiro, como por exemplo do Massacre de Eldorado dos Carajás que nesse ano completa 20 anos e que pouco se alterou na realidade vivenciada devido a concentração das terras no Brasil.

Encontramos também no Relatório Dataluta 2014 uma séria histórica que nos permite fazer uma leitura nos anos de 1988, 2003, 2010, 2012 e 2014 sobre a concentração fundiária. Dados que apresentam um aumento no índice de Gini de 0,83 no ano de 2012 para 0,86 em 2014. Nesse comparativo aumentou o número de imóveis, não diminuiu a concentração fundiária, mas aumentou a violência no campo.

As práticas de violência registradas contra lideranças fazem parte de uma ofensiva agrolatifundiária quando esses sujeitos sociais resolvem se organizar em movimentos socioterritoriais e realizar, para além das ocupações de terras, outros tipos de ações territoriais, como por exemplo, manifestações em forma de marchas, caminhadas e bloqueios de rodovias. Somente no ano de 2014, foram contabilizados 25 movimentos socioterritoriais que realizaram ocupações de terras e no período de 2000 a 2014 esses sujeitos sociais do campo foram para rua, campos e avenidas de cidades médias, ocupando bancos e capitais, realizando 10 mil manifestações, agregando no período um total de 6,2 milhões de pessoas (DATALUTA, 2014).

Outro elemento que compõe essa configuração da realidade agrária brasileira e que também reflete na disputa territorial e toda violência que ela pode gerar é o processo de estrangeirização de terras. Trata-se de registrar as transações comerciais de terras por corporações transnacionais para produção de commodities agrícolas e/ou minerais. De acordo com os dados do Relatório Dataluta 2014, há 90 empresas transnacionais e nacionais de capital estrangeiro do agronegócio, proveniente de países da América, Europa e Ásia adquirindo terras brasileiras. Dentre essas, podemos indicar as empresas do agronegócio

com capital estrangeiro: Monsanto, Multigrain, Raizen, Bahia Specialty Celulose, Cargill, Stora Enso dentre outras. Esse tipo de ação também potencializa a formação de aliança com a classe latifundiária e agricultura capitalista, realizando transações que geram conflito e violência contra camponeses, indígenas e comunidades tradicionais, seja expropriando seus territórios, seja assassinando lideranças.

A violência é materializada no campo, mas seu mando e sua origem não está centralizada e concentrada exclusivamente no campo. A violência no campo do Brasil do século XXI se espacializa:

- nos espaços de poder construídos pelas transnacionais que detém o controle da produção de agrotóxicos e que envenenam diretamente milhares de camponeses, trabalhadores rurais e suas famílias, assim como boa parte da sociedade que consome alimentos com base no uso de agrotóxico;
- nos tribunais, nos fóruns e todo espaço que tipificam como crime as ações dos movimentos sociais e inúmeras famílias que residem no campo como crime;
- nos gabinetes das prefeituras, vereadores, deputados, senadores e presidência que apostam apenas em um único modelo de desenvolvimento para o Brasil pautado no modelo agroexportador;
- no congresso legislativo, através da Bancada Ruralista que elegeu para 2015, 158 deputados federais e 18 senadores para defenderem seus interesses de classe e impedir projetos e planos de reforma agrária;
- no pensamento de parte dos técnicos, prefeitos, deputados, da mídia, juízes que formulam leis, concedem reintegrações de posse, formulam políticas públicas e disseminam idéias limitadas e equivocadas de pensar o campo;
- no pensamento de intelectuais profetizando que o tempo da reforma agrária passou, ecoando assim um discurso político nas salas de aula e bibliotecas de parte da universidade e grupos de pesquisa que insistem em não ver a existência de um campo diversificado e contraditório.

Portanto, trouxemos para reflexão alguns elementos que são frutos de uma estrutura agrária concentradora, rentista e patrimonialista no Brasil. Essas práticas violentas são indícios de um Brasil arcaico e moderno, de um território em disputa, de uma luta de classes que expropria, mata e ameaça milhares de sujeitos sociais que em seu cotidiano questionam intencionalmente ou não, um único modelo do viver, mas que também contraditoriamente, possibilita seu (re)viver.

Com os dados sistematizados e disponibilizados esperamos que o Relatório Dataluta 2014, assim como demais fontes de dados como CPT, dentre outros, contribua para entendimento sobre as raízes da violência no campo, de uma classe latifundiária que tenta negar historicamente os sujeitos que compõem a classe camponesa no Brasil e que lutam arduamente para conquistar e/ou manter-se no território. Pois, *“...paz sem voz, não é paz...é medo!”*<sup>[1]</sup>

## REFERÊNCIAS

CPT. **Cadernos Conflitos no Campo**. Período de 2001 a 2014. Goiânia: CPT Nacional, 2015.

MARTINS, J.S. **O poder do atraso**: ensaios de sociologia da história lenta. São Paulo: Hucitec, 1994.

Disponível em [www.fct.unesp.br/nera](http://www.fct.unesp.br/nera)

NERA, Núcleo de Estudos e Projetos de Reforma Agrária. **Relatório DATALUTA Brasil 2014**. FCT/UNESP. Coordenação: GIRARDI, E. P. Presidente Prudente, SP, 2015. Disponível em: <[http://www2.fct.unesp.br/nera/projetos/dataluta\\_brasil\\_2014.pdf](http://www2.fct.unesp.br/nera/projetos/dataluta_brasil_2014.pdf) acessado em 25 de fevereiro de 2016.>[http://www2.fct.unesp.br/nera/projetos/dataluta\\_brasil\\_2014.pdf](http://www2.fct.unesp.br/nera/projetos/dataluta_brasil_2014.pdf)

SANTOS, J. V (Org. ) **Violências no tempo da globalização**. São Paulo, Hucitec, 1999.

OLIVEIRA, A. U. Território de quem? **Revista Sem Terra**. São Paulo, n. 46, ago./set. 2008.

PORTO GONÇALVES, C. W.A violência do latifúndio moderno-colonial e do agronegócio nos últimos 25 anos. In: CPT. **Conflitos no Campo Brasil 2009**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

---

[1] Trecho da música *Minha alma – (a paz que eu não quero)*, da Banda O Rappa.